

# FOLHA DE VILLA VERDE



REDACTOR PRINCIPAL—GASPAR LEITE

Representante da empresa e responsavel — MANOEL JOAQUIM ANTUNES

ASSIGNATURAS PAGAS ADIANTADAS—Anno 12500 reis.—Semestre 800 reis.—Anuncios cada linha 40 reis, pagos antes da publicação do primeiro annuncio, communicado 50 reis a linha. A correspondencia deve ser dirigida ao redactor principal, na sede da redacção em BRAGA, Campo de Sant'Anna.

VILLA VERDE—1887

## Os acontecimentos do Allivio

### TUMULTOS — MORTE — FERIMENTOS

Decerto que a esta hora já quasi todos os nossos leitores tem conhecimento mais ou menos exacto, mais ou menos completo, das tristes occorrencias que tiveram lugar no domingo passado, em a romaria do Allivio, na freguezia de Soutello d'este concelho.

Profundamente dolorosa foi a impressão causada por tão lamentaveis successos, e que vieram lançar o veu da tristeza e do luto, sobre a alegria despreocupada, honesta dosromeiros, e que pozeram a nota lugubre da morte no meio das festas e descantes em que se expandia a alma popular!

Testemunhas oculares dos factos, poderemos relatar os minuciosamente, em toda a sua nudez, taes como infelizmente os presenciamos bem de perto. E' o que vamos fazer com todo o desassombro e lealdade, tendo a certeza de que fornecemos aos nossos leitores uma exposição absolutamente veridica das fataes occorrencias a que nos vimos referindo.

Será esta — parece-nos — uma obra meritoria, porque habilita os que nos lêem a poderem á vista dos factos que apresentamos e cuja veracidade garantimos, fazer um juizo seguro de acontecimentos cuja historia tão inexactamente tem sido feita.

### O LARGO DO ALLIVIO

E' um largo espaçoso, povoado de magnificas arvores, e atravessado pela estrada real n.º 3, de Braga aos Arcos. Ao centro encontra-se edificado o templo da Senhora do Allivio, ainda em construcção. E' neste largo que se effectua annualmente, na noite do segundo sabbado do mez de Setembro, um concorridissimo arraial, offercendo por essa occasião aquelle local um aspecto verdadeiramente phantastico. Por todos os lados se vêem barracas com toldos de lona, onde osromeiros vão com uma estra-

nha devoção saborear o peixe frito e o vinho verde. Nestas noites a alma popular expande-se n'uma alegria infinitamente grande e por entre os canticos joviaes das moças travessas e os risos francos dos rapazes alegres, ouve-se a miudo o estourar ruidoso dos morteiros.

Numas tribunas toscamente construidas, a que vulgarmente se dá o nome de quartéis, vêm-se as damas mais galantes das povoações circumvisinhas. E' d'alli que o arraial apresenta, visto pelo correr da noite, um aspecto pittoresco. Um burburinho enorme se levanta por todos os lados, n'uma confusão medonha, entre os assobios dos garotos e os pregões dos vendedores ambulantes. Como o largo é amplo a paisagem é agradabilissima.

Nas tribunas escapa-se aos encontrões e á confusão do arraial e os cavalheiros ganhosam a aproximação das gentilissimas damas que d'alli vão presenciar o magnifico effeito d'aquella noite deliciosa.

O fogo que se costuma queimar é vulgar e sem nenhum valor. O povo aclama entusiasmado as diferentes peças d'artificio que os pyrotechnicos affamados apresentam á admiração dos passecios.

Este arraial costuma durar até á madrugada em que o capellão do Allivio diz uma missa campal, n'uma capella sita do lado de fóra da igreja. E' um espectáculo maravilhoso. Toda aquella boa gente, tresnoitada, ajoelha pelo campo, e, debaixo d'um bello ceu azul, ouve a missa religiosamente, enquanto o sol apparece, com os seus reverberos de luz resplandecente, por sobre os montes distantes.

Pouco a pouco vae-se despoando o campo e as barracas solitarias, apresentam uns ares pungentes d'abandono.

Pela tarde, das freguezias visinhas, costuma-se juntar alguma gente, que vem dar nova vida ao local. Foi ahí que, pela tarde do ultimo domingo, junto d'uma d'essas barracas se deu o triste conflicto, cuja origem vem de

### VELHAS RIXAS

E' conhecida, e data já de alguns annos, a indisposição

do povo d'este concelho contra a policia civil de Braga, que pela sua parte parece conhecer as sympathias que aquelle lhe vota e corresponder a ellas.

Não é decerto este o momento proprio para apreciar os motivos e causas de taes desintelligencias, menos o é para o dizer aqui se a razão está da parte do povo se da policia; registamos simplesmente o facto, aliás conhecido, e mais uma vez provado n'esta romaria, durante a qual a policia era a custo obdeciada do povo, que, por sua vez era tratado pelos guardas civis com um mau modo, arrogancia e tyrania em verdade intoleraveis.

Algumas prisões vimos nós fazer por uma forma incorrectissima e tanto que provocaram admoestações da autoridade administrativa.

Já no arraial do anno passado houve um conflicto grave entre alguns guardas civis e populares, como houve outro este anno em Prado por occasião da festividade do S. Sebastião.

Como se vê a indisposição é antiga e tem sido fomentada pela imprudencia de uns e outros.

Não queremos agora fazer carga a ninguem nem avolumar responsabilidades. Registamos factos; mais nada.

### O CONFLICTO

Cerca das cinco horas da tarde de domingo a romaria estava a findar. Já estavam levantados toldos e barracas, a concorrencia tinha diminuido notavelmente e apenas algum povo da freguezia de Soutello e visinhas se conservava ali. Os de mais longe tinham retirado já. Tanto no arraial de sabbado como no de domingo a ordem tinha sido rigorosamente mantida; algumas detenções apenas se haviam effectuado por simples transgressões policiaes, sem importancia.

A força militar e os guardas civis tinham recebido já ordem da autoridade administrativa para recolher a Braga. O cabo commandante do destacamento de policia civil estava na sacristia do templo recebendo d's mãos do thesoureiro da confraria a gratificação pecuniaria que aquelle lhe arbitrava.

De repente a pequena distancia da igreja surge uma

desordem entre populares. Os varapaus cortam o ar e cahem com todo o peso sobre as costas dos circumstantes; ha chapeus no chão, gritaria, algararra.

A policia estava longe do conflicto; mais perto estava o digno presidente da camara servindo de administrador, que aproximando-se dos desordeiros e metendo-se a meio d'elles, conseguiu apasiguá-los com palavras e modos suaves, conseguindo serenar os animos e obrigando até os cabeças do motim, a entregar-lhe os paus, ao que elles promptamente obdeceram.

Neste momento chegam os guardas civis, e mettendo-se no meio dos grupos dos desordeiros e dos simples curiosos, procuram, fazer dispersar o ajuntamento por uma forma um pouco violenta.

Cinco minutos depois, havia uma enorme confusão em todo o arraial.

A distancia de vinte passos do local onde rebentara a primeira desordem já serenada pelos esforços da autoridade — trava-se um verdadeiro conflicto entre a policia e o povo.

Aquella agredia com pranchadas e bayonetadas, este opunha uma resistencia tenaz com os varapaus.

De longe as mulheres atiravam sobre os policiaes uma verdadeira saraivada de pedras, cacos, copas de vidro, tijellas de barro.

A superioridade do povo sobre a policia era manifesta e os guardas civis estavam todos mais ou menos feridos.

Foi então que a força armada interveio. A autoridade deu as mais terminantes instruções ao commandante da força, para que este não recorresse a meios extremos. Este — um cavalheiro dignissimo e um militar brioso — o sr. tenente Eduardo Silva, communicou identicas instruções aos seus subdinados.

Não surtiram ellas o desejado effeito, porque apesar de, mal chegada a força, o povo correr em debandada, immediatamente ao toque de sentido, foram disparados pela força militar e pela policia, sobre os populares que fugiam, alguns tiros, dos quaes resultou uma morte e varios ferimentos!

Note-se bem que este tiroteio não obdeceu a uma unica voz de commando, e

que foi feito não no momento da lucta, mas quando o povo, á vista da força armada, fugia espavorido!

E' esta a parte do facto que traz a presumpção do crime.

Comprehendia-se que rijamente sovada, como de facto foi, a policia, disparasse tiros na occasião em que era agredida e no momento em que a espancavam; não se deve tolerar que atirasse indistinctamente para o meio da multidão, quando esta fugia!

### O MORTO

Chamava-se João Manoel Martins. Era natural da freguezia de S. Claudio de Geme d'este concelho.

Tinha 54 annos de idade e era açafateiro.

Honesto, trabalhador, honrado, gosava dos melhores creditos na freguezia, onde era muito bem visto.

Deixa mulher e seis filhos, o mais velho dos quaes entra este anno no recrutamento.

O desgraçado nenhuma intervenção tomou no motim e andava procurando um companheiro quando a bala o varou.

Descance em paz a alma do infeliz!

### FERIDOS

São muitos os feridos, embora a maior parte d'elles o sejam levemente. Quasi todos os policiaes que compunham o destacamento ficaram mais ou menos contusos.

Populares ha tambem feridos em grande numero. O que mais gravemente o está é Manoel Mano, ferreiro, solteiro, do lugar do Esparido, na freguezia da Loureira. Tem 22 annos. Uma bala atravessou-lhe a perna direita no terço superior.

Foi immediatamente conduzido em um trem ao hospital de Braga, onde recebeu os primeiros curativos. Segundo nos informam está livre de perigo.

Tambem ficou levemente ferida uma mulher da freguezia de Turiz, cujo nome ignoramos.

Parece que este ferimento foi feito com um terçado.

### DEPOIS DO CONFLICTO

Disperso o ajuntamento, era de vêr o lugubre quadro que o arraial apresentava!



Substituir-se a dor ao prazer, e ali, onde momentos antes tudo eram alegrias e festas, reinava só a tristeza, a amargura!

A ara da morte pairava sobre aquelle recinto! Era desolador o espectáculo.

As mulheres faziam uma grita enorme, as crianças fugiam espavoridas, a familia da victima e dos feridos enchiam o espaço com os gemidos de sua dor!...

A pouca distancia do templo, sobre um montão de relva, jazia inerte, prostrado, dois lios de sangue aos cantos da bocca, — a pobre victima que a brutalidade ferira mortalmente, inexoravelmente, vasando-lhe o peito com uma bala, que n'um momento deu a vivêz a uma mulher, a orphandade a seis creanças!

Os snrs. administrador e commandante da força ordenaram então que se procedesse a um rigoroso exame ás armas dos policiaes e soldados, a fim de por esse exame se verificar quaes foram d'entre elles os que fizeram fogo. D'esse exame resultou provar-se que haviam disparado tiros os guardas civis numero 27 (Sezindo dos Santos), 13 (Antonio Julio Baptista) e 4 (Eusebio d'Almeida) e dois soldados do destacamento.

Então o snr. administrador ordenou que esses guardas depossem as suas armas e se conservassem presos. Eguas medidas adoptou o snr. commandante da força para com os dois soldados.

Immediatamente a auctoridade administrativa participou o occorrido ao digno governador civil S. Exc.<sup>a</sup>, á vista d'esta participação, e em virtude dos boatos de sublevação e revolta popular, que correram em Braga, boatos que não tiveram o menor fundamento, fez marchar para este concelho toda a força disponível d'infanteria 8 e cavallaria e alguma policia civil. Commandava a força o snr. capitão Cibrão. Momentos depois chegou o snr. commissario de policia Manoel de Brito Furtado de Mendonça.

A cavallaria retirou pouco depois para Braga.

O cadaver permaneceu no local do conflicto durante toda a noite, sendo guardado convenientemente.

**A AUTOPSIA**

Cerca das doze horas do dia 19, compareceram os snrs. Lourenço Soares Rodrigues, juiz substituto em exercicio, dr. Francisco Jose de Sousa, sub-delegado do procurador regio, Antonio Joaquim Rodrigues Barbosa, facultativo municipal e Francisco Reio Soares d'Azevedo escrivão de direito.

Levantado o competente auto do corpo do delicto foi removido o cadaver para a casa da confraria, fronteira ao templo do Allivio. Ahi se procedeu á autopsia cujo resultado e o seguinte:

Exteriormente o cadaver apresentava no peito, do lado esquerdo, uma ferida de forma circular, de 6 a 8 millimetros de diametro, correspondendo-lhe outra do lado direito e face externa do braço, de 8 a 10 millimetros de diametro.

Depois de divididos os tecidos molles e levantada a face anterior da caixa toraxica, viu-se que estavam dilacerados os pulmões direitos e esquerdo, e bem assim uma grossa arteria (a crossa da aorta), do que resultou uma abundante hemorragia.

As feridas mostram ser feitas por projectil d'arma de fogo, que atravessou o peito do lado esquerdo pa-

ra o direito, fracturando as segundas costellas. O orificio da esquerda é menor do que o da direita, e os estragos tambem são maiores no lado esquerdo do torax.

Parece que a morte devia ser quasi instantanea, por causa do ferimento da referida arteria.

**INTERROGATORIO**

No dia 12, os snrs. administrador e commissario de policia procederam a um minucioso interrogatorio aos presos, levantando-se então o competente auto de investigação.

Segundo nos informam, os policiaes civis confessam o facto de terem disparado as espingardas, sem que para isso recebessem qualquer ordem, confessam mais que no momento de disparar os tiros, immediatamente á chegada da tropa, já as aggressões populares haviam cessado e a multidão fugia; allegam em sua defeza que tendo recebido instrucções no commissariado para se juntarem á força militar e obdecerem ao commandante d'estas sempre que ella tenha de intervir em qualquer tumulto, — entenderam mal os respectivos toques tomando o de sentido pelo de fogo. Mais dizem que só dispararam depois de verem fazer fogo os dois soldados da força, e que fizeram pontarias altas.

Os dois soldados — uns recrutas boques em cujas palavras é difficil apurar uma idea — dizem o mesmo quanto ao engano dos toques e affirmam, o contrario quanto á precedencia do tirotoque — isto é, dizem que foram os policiaes quem primeiro disparou.

A verdade é que nós, testemunhas oculares dos acontecimentos, nós que estavamos a quinze passos da força militar e a poucos mais do sitio onde cahiu, varado, o desditoso, nós que tudo vimos e a tudo assistimos — não podemos, não sabemos dizer se foram os soldados ou os policiaes os primeiros a fazer fogo.

Pode o nosso espirito formular presumpções a este respeito, alias justificaveis, mas os nossos sentidos negam-se a fornecer qualquer testemunho sobre o assumpto.

**REMOÇÃO DOS PRESOS**

Os guardas civis foram conduzidos ás cadeias de Villa Verde e ahi entregues ao poder judicial.

Segundo nos consta ainda não foi lavrado o despacho de pronuncia.

Os presos requereram a sua remoção para o hospital de Braga, a fim de se curarem das contusões recebidas. Requereram igualmente que se lhes fizesse exame de corpo delicto directo, a quo se procedeu na passada quinta feira.

**CONSIDERAÇÕES**

Não queremos boje fazer sobre o triste successo que tão minuciosamente vimos de relatar, os comentarios que o caso nos sugere.

No momento em que a justiça vai intervir, nem é conveniente nem e razoavel que a voz da imprensa venha por qualquer forma influir nas decisões dos tribunals competentes.

Dum lado vemos accusados, cuja situação não queremos agravar, do outro vemos o cadaver d'um homem honrado e pacifico, brutalmente assassinado não pela navalha do fadista, nem pelo punhal do sicario, mas pelos defensores da ordem pelos mantenedores da tranquillidade publica!

E cêdo hoje para a critica dos acontecimentos; não o será amanhã e as nossas considerações terão de ser desenvolvidas porque temos de nos referir á organização d'um ser-

viço publico importantissimo — a policia civil.

**PEROLAS E DIAMANTES**

**A PIMENTA**

(Edmond About)

(Conclusão do n.º antecedente)

Eis nos agora no salão onde foi assignado o nosso contracto de casamento. Que festa! Tudo chammejava, o lustre, os candelabros, as serpentinas. E os brilhantes das senhoras! Palavra de honra, que até já me doiam os olhos. A mobilia era de madeira doirada e brocatel côr de oiro. Estava tudo tapado com coberturas de linho, as consules estão embrulhadas em papel de jornal, tudo muito bem ligado; até a tenaz do fogão está embrulhada em papel, parecia uma perna de carneiro. O tapete de moquette vermelha e os reposteiros côr de oiro, embrulhados em lençoes; a moldura de espelhos, tambem envolvida em pedaços de gaze e bocados de papel. As persianas fechadas, a claridade ainda muito baixa, fazia frio. Passamos para uma pequena salinha intima onde eu tivera a côrte a Irène.

Era ali que ella, por um milagre, conseguiu eternisar os *douquets* que todos os dias lhe mandava. Houve um que chegou a durar uma semana inteira que me dizem a isto? Abriu um movelzinho e mostrou-me trinta flores, cada uma com a sua etiqueta e data, em trinta folhas de papel branco.

Soube que aquella joia guardava uma recordação de cada *douquet* que eu lhe dava. Mas as pobres flores não só murcharam, até cheiram a bafo. As recordações guardam se melhor no coração do que em papel, derididamente. Irène fehou o movelzinho de pau rosa e mostrou-me, a rir, uma secretaria, por onde andava espalhada, a pimenta, em cima do velludo. Aquella secretaria tem uma historia. Um dia que a marquezia nos guardava como de costume, acabando não sei que bordado, Irène pegou d'un lapis e começou a querer traçar o plano do castello de V. Embrulhou-se tanto ou tão pouco nos seus desenhos e explicações que a mae vigilante passou um minuto pelo somno. Ah! que precioso, que agradavel, que delicioso minuto! Valia um thesouro!

Mas para que era tanta pimenta espalhada sobre o velludo escarlate? Explicou-me Irène que era por causa da traça.

E notei realmente que todos os moveis, trouxas, embrulhas, tudo estava semeado de grãos de pimenta. E ainda a olhar para um montão de quadros e retratos de familia, dou um grande espirro. «E da pimenta!» disse-me ella, e começamos a rir.

Tinha Irène então trinta e dois dentinhos tão bonitos, um metal de voz tão fresco e tão meigo que parecia que o riso fôra inventado para ella. Tambem posso jurar que ria quanto podia. E não era só ella que ria quando me tinha a mim ao pé, isso é verdade!

Os rapazes do guarda-portão já se haviam ido embora de ha muito; estavamos bem sós, e a prova é que nos beijávamos de corrida. Havia tanto tempo que não estavamos sós! Quasi meia hora! Mostrou-me o seu quarto; uma lindeza, o mesmo onde eu entrei pela primeira vez depois do casamento, á espera que a mi-

nha joia se preparasse para a viagem. Ainda me lembro que n'esse dia, tomado de não sei que extraordinaria commoção ao ver todas aquellas coisas innocentes e brancas, ajoelhei furtivamente e beijei as cortinas d'aquelle leito virginal. Os colchões, a almofada e o travesseiro, estão carregados de pimenta, e ainda por cima lhe haviam pespegado com dois ou tres quadros e uma cadeira! Seja pelo amor de Deus!

Irène pega da cadeira e assenta-se; coitadinha, estava a cair de canção. Queria que se deitasse: não me disse que não, mas pretextou que eu ainda devia estar mais cansado, porque ella dormira no carro e eu não. Acabei por confessar que duas horas de somno me fariam muito bem, mas onde é que eu havia de dormir? No quarto d'ella? Impossivel. Uma cama é sempre sufficientemente larga, mas a d'ella não tinha comprimento para lá lhe poder metter as minhas pernas de sete leguas.

Lembramos-nos de ir para o quarto do marquez: não tinha cortinados, uma cama só com os colchões, pela parede fóra coriões e mais cordoes de campanhas, debaixo dos pés estalavam as pimenta.

Ficavamos ali muito bem, mas onde iriamos buscar lençoes? Os armarios todos fechados, as chaves na Lorena, o que não é lá muito perto. «E o meu enxoval!» exclamou Irène. Começamos a rir.

Voltamos á ante-camara, e começamos a abrir os fardos.

Incontro tudo; guardanapos, pannos da cosinha, avantaes da cosinheira, da criada do quarto, do criado, excepto lençoes. Por fim canto victoria. Irène vem a correr e começa a fazer me trocar: andava de volta com as toalhas adamasadas! Mas porque é que não haviam de servir? Levamos duas toalhas e corremos para a cama. São muito curtas as toalhas; são precisas quatro. Irène volta ao manancial e vem rindo ainda mais: achara um lençol de panno cru um pouco grosso, bastante aspero; um lençol de criado, mas com tamanho para cobrir os amos. Tratamos então de sacudir a pimenta de cima do leito e fizemos a cama. Fomos a pizar pimenta até ao gabinete de «toilette» da marquezia, e depois de muita volta e reviravolta, acabamos por nos deitar, seriam umas sete horas da manhã. A pobre creança devia estar meia morta: pela minha parte nem me podia ter nas pernas.

— Não estou cansada, maridinho, disse-me Irène deixando cair sobre o travesseiro a encantadora cabeça.

*Nemo.*

**Romaria**

E' hoje que tem lugar na egreja do Allivio, da freguezia de Sontello, a segunda romaria do presente anno, a que chamam a *romaria dos da cidade*.

Bom será que corra mais pacifica que a do domingo passado!

**A familia real em Braga**

Começam na segunda feira os trabalhos de decoração do grande salão na estação do caminho do ferro para SS. MM e AA. ali receberem os cumprimentos do estylo. Foi encarregado da decoração o snr. José Pereira da Cunha, armador da casa real.

O serviço de cosinha no Bom Jesus do Monte, durante o tempo em que ali permanecerem SS. MM. e AA., será desempenhado por creados da casa real. Vem igualmente o trem de cosinha, pois a familia real costuma servir-se d'esse trem todas as vezes que permanece em algum ponto do paiz.

O governo concedeu de emprestimo ao snr. Manoel Joaquim Gomes, uma machina dynamo-electrica para tornar mais brilhante a illuminação por electricidade que se vae instalar no Bom Jesus por occasião da permanencia da familia real.

Na proxima semana deve chegar aqui toda a força desponivel do 1.º batalhão de infanteria 20 e a respectiva banda, que ficará aquartelada no Bom Jesus.

Estão já contractadas 10 bandas de musica, afóra as militares, para tocarem em diferentes pontos do trajecto, da estação ao Bom Jesus.

A illuminação no Bom Jesus, no dia da chegada da familia real, será 40 mil lumes.

Estão encarregados d'esta brilhante illuminação, á moda do Minho os snrs. Francisco Guimarães, Jeronymo José Ferreira Couta, Luiz Joaquim d'Oliveira, e José Francisco d'Araujo Guimarães.

O esplendido local de Guadalupe, o jardim, largo da Lapa, Arcada, theatro e varios estabelecimentos publicos serão profusamente illuminados na noite em que SS. MM. e AA. chegarem a Braga.

A familia real e a sua comitiva, depois dos cumprimentos na estação seguirá pelas ruas Nova e do Souto, Praça do Barão, frente da Lapa, lado do norte do Campo de Sant'Anna, Senhora-A-Branca, ruas de D. Pedro V e Nova de Santa Cruz, Peões, etc.

No Bom Jesus celebrar-se-ha um solemne «Te-Deum», sendo officiante o nobre prelado brarense.

Da quinta da Armada seguiram para o Bom Jesus quatro carros de mastros.

Calcula-se que desde a estação do caminho de ferro até ao Bom Jesus serão collocados quatro mil mastros.

Noticias de Lisboa dizem que a familia real só sae de Lisboa n'um do corrente mez.

El-Rei tinha desejo de adiantar-se na digressão; porém, S. M. a Rainha tem passado algum tanto incommodada, e por isso forçosamente teve de se adiar a partida.

**Matrizes**

Principiou a revisão das novas matrizes predias na freguezia da Laureira.

**Restabelecimento**

Folgamos em registrar o completo restabelecimento do nosso sympathi-



o amigo e distincto academico João Luciano Sepulveda.

**Partida**

Partiu para a Povoação do Varzim o nosso amigo e dedicado correligionario o Ex.<sup>mo</sup> D. Antonio d'Alzevedo Sá Coutinho, respeitavel cavalheiro do concelho de Amares.

**A phylloxera no Minho**

A phylloxera está-se desenvolvendo de uma forma extraordinaria e assustadora nos vinhedos do Alto-Minho. A area affectada é já superior a trinta mil metros quadrados. Algumas vinhas estão completamente perdidas.

**O Camões**

Acabamos de receber do Porto o n.º 11 d'este semanario, que continua a merecer as sympathias que tem grangeado. O primeiro artigo é do distincto poeta E. A. Vidal. No resto vem interessante, como sempre.

A assignatura para a provincia é apenas de 300 reis.

**A praia da Granja**

Está muito concorrida e animada esta praia sem duvida uma das melhores da provincia do Minho.

Eis a relação das pessoas que ali estão a banhos;

Dr. Francisco Martins Sarmento, conde de Margaride, conde da Aurora, dr. Joaquim José Pereira Santiago, Luiz Gonçalves Guimarães, Henrique Julio Viconso May, de Lisboa; dr. Albino Augusto Guedes Pinto e Mello, de Amarante; José Taveira de Carvalho, de Amarante; Anselmo Guilherme B. Feijó, Candido C. Malheiro, de Lisboa; commendador José Bento Ramos Pereira, do Porto; F. de Almeida Ancor, de Lisboa; Alvaro de Souza Rego, de Caminha; Henrique Gonçalves Guimarães, de Lisboa; Joaquim José Barbosa e Ventura Ignada Silva, do Rio do Janeiro; José Joaquim d'Araujo Salgado, professor do lyceu de Vianna; Henrique J. Stuyel, de Hespanha; dr. Luiz de Serra Pinto, de Lisboa; José Maria Rego Junior, de Caminha; alferes Joaquim de C. Borges Lagoa, de Valença; Fructuoso Rodrigues Pereira da Silva, dos Arcos; José Ferreira Maia e José Ferreira Maia Junior, do Porto; commendador Domingos José Ferreira Braga, de Braga; dr. Manoel Marques da Silva Pereira, de Braga, Benjamin Candido Lisboa, de Ponte do Lima; dr. Narciso d'Oliveira, de Lisboa; dr. Gaspar Malheiro Pereira Peixoto, de Ponte do Lima; Francisco Pereira Pimenta de Castro, de Vianna; dr. Alvaro de Moura Coelho, de Lisboa; Alfredo Soares Russell, de Braga; dr. Guilherme Augusto Ramos Pereira, do Porto; Joaquim Leite Jardim, de Lisboa; Luiz P. Soares, de Lisboa; Francisco de Souza Cadaval, de Gondarém; commendador Carlos João Ribeiro Lima, de Melgaço; Augusto Cezar Ribeiro Lima, de Melgaço; José de Fornoello, de Vianna; dr. Antonio Joaquim Durães, de Melgaço; Henrique Cardoso de Menezes e João Cardoso Martins de Menezes, de Guimarães; dr. Alfredo Leal de Faria, juiz de direito do Ponte da Barca; engenheiro Manoel Francisco Vargas; padre Manoel Vieira da Cunha, capellão de caçadores 7; A. Santos, do Porto; dr. José Vicente Correia dos Santos Lima, juiz de direito de Paredes de

Coura; Antonio da Silveira Sampaio, D. Ramon Monteiro Espinosa e D. Francisco Monteiro Espinosa, de Hespanha, dr. José Maria Pestana de Vasconcellos, juiz de direito de Felgueiras; Manoel Antonio Barbosa, de Paredes de Coura; D. Anna Guimarães, Evaristo Rodrigues, do Porto; Ventura José da Costa, de Vianna; Marqueza de la Colonia, de Hespanha; D. Clutilde da Cunha Belem, de Lisboa; José Joaquim de Abreu, de Ponte do Lima; commendador Carlos Joaquim Ribeiro, de Melgaço; capitão Flaviano Jose Barbosa Rego, de Braga; padre Manoel José Pereira professor do lyceu de Braga; D. Rosa Brandão, de Lisboa; D. Francisca Nina Marques da Silva, de Braga; D. Rufina Ferreira Braga, de Braga; D. Clementina R. Nina da Silva, de Braga; D. Domingos Busquets, de Hespanha; padre Antonio José de Lima, professor de Cantochão do seminario de Braga; dr. José Joaquim Pereira Brandão, de Valença; D. Francisco Roiz, de Hespanha; Manoel Francisco Fernandes Pereira de Brito, de Valença; Manoel Joaquim Feitosa, de Valença; dr. Joaquim Gerardo Alvares Lisboa, de Ponte do Lima; miss Hairiett Woodcock, D. Josepha Barrera, de Hespanha; José Malheiro Pereira Peixoto, João Nobeiro Alvares Guerra, Francisco da Cunha Machado da Faria e Carvalho, D. Miguel Zorhano, de Hespanha.

Na praia de Molede estão á uso de banhos: conselheiro Heredia e familia, e as familias de José Simplicio Cardoso Pinto, de Ponte do Lima e dr. Antonio Pedro, juiz de direito de Aljô, D. Maria Isabel Navarro Vaz de Napoles, de Braga; dr. Augusto José Domingos de Araujo, cirurgião ajudante de caçadores 7; D. Emilia de Sousa Braga e D. Libia Lisarda Alves de Moura, D. Rita de Vasconcellos Abreu Andrade, D. Elvira do Nascimento e Mello, D. Albertina Leite Ribeiro Magalhães, D. Rosalva Rodrigues e D. Thereza Cibrão, todas de Valença; os padres do Collegio do Espirito Santo, de Braga, Ilidio Augusto Barbosa Dias e senhora, do Porto; Adriano Pego Cibrão e filho, do Porto; Antonio José Perea e familia, de Lisboa; padre José Rodrigues de Vasconcellos, de Briteiros; Augusto Cazux engenheiro da ponte internacional de Valença; Guilherme José da Silva, proprietario e redactor do «Valencião», D. Rosa Teixeira A. da Costa, professora da freguezia de Argela d'este concelho, D. Maria do Carmo Sá Pinto, de Lanhiellas, João Alves da Costa Peres e familia, de Lisboa; capitão Abreu de caçadores 7 e familia, D. Maria Amelia Gonçalves Monteiro, de V. Nova de Cerveira, Aurelio Fontes e filho, de Cerveira; D. Joaquina J. Bellencourt, de Lisboa; e a familia do dr. José Julio Rodrigues, de Lisboa.

A snr.<sup>a</sup> condessa d'Edla, viuva d'el-rei D. Fernando é ali esperada.

**Uma anedota de Bocage**

Uma vez convidaram Bocage para ir a um banquete. Bocage foi, mas apresentou-se muito mal vestido, porco, roto. Censuraram-o por se apresentar assim e emprestaram-lhe uros casaca, colete e calças. Bocage vestiu-se, e apresentando-se á mesa, entornou a comida pela roupa abaixo, dizendo:

Comei, mangas, comei, comei assim, Que a honra é feita a vós e não a mim.

**A parreira na mesa**

Que diria o leitor se no mez de outubro lhe apresentassem na mesa de jantar, á sobremesa, um vaso com um verdadeiro tronco de vide, carregado de cachos? A cousa não é tão difficil como parece. Qualquer pessoa o pode fazer no anno que vem. Ali vae o modo de conseguilo.

No momento em que a cepa deita os rebentos e quando estes se perceberem bem, escolhei uma haste forte, que prometta o maior numero de cachos. Fazei passar a haste pelo buraco do fundo d'um vaso, tendo o cuidado que os rebentos não se deteriorem, e enchei de terra o vaso, que segurarei por um meio qualquer.

Os rebentos livres, fazendo sempre parte do pé, desenvolver-se-hão, ao passo que os que ficaram enterrados no vaso lançarão filamentos, que se converterão em raizes. Quando as uvas estiverem quasi maduras, corte-se a haste logo abaixo do fundo do vaso e ter-se-ha uma verdadeira cepa com uvas, que se conservarão no vaso durante o resto da estação.

O processo não pode ser mais simples e dá resultados muito satisfatorios.

Conveio notar que no anno seguinte a haste não produzirá nada.

Pode-se fazer o mesmo para obter maçãs; mas a haste com os rebentos deve ser enxertada de garfo n'outra que seja vigorosa.

**O medo**

Os antigos, que de tudo faziam deuses, até se lembraram d'erger um templo ao medo. Era em Sparta que existia.

O medo era, de facto, uma divindade. Faziam-o filho de Marte e de Venus. Homero colloca a sua figura sob a egide de Minerva e o escudo de Agamenon; Theseu sacrificava ao medo, para que esta deus poupasse os seus rebanhos e exterminasse os dos inimigos.

**A Martyr**

A melhor obra de Emile Richebourg, edição da acreditada empreza de Lisboa—Balem & C.<sup>as</sup>, ornada com chromos e gravuras.

Recebemos a caderneta n.º 35 cujo resumo do trecho é o seguinte:

O visconde de Sanzac, em cujos planos infames entrava como factor muito importante o casamento do Marquez de Verveine com a filha do ex-pedreiro Latrude, não se dá ainda por vencido. Pode o casamento não chegar a realizar-se, mas o Marquez não ha de conseguir muito facilmente esse resultado.

Por outro lado o visconde prepara as coisas de maneira a poder pôr em execução uma empreza extraordinariamente audaciosa. Acompanhado por um bandido, por nome Lory, que não tinha de certo mais escrúpulos do que elle proprio, dirige-se a Ermont, onde é situada uma casa em um ponto isolado, muito propria a servir de prisão a uma pessoa qualquer. Toma varias precauções e dá ordens mais que suspeitas... Quem deverá ser a victima de taes disposições? mais tarde o saberemos.

Depois d'aquelles preparativos preliminares, o visconde de Sanzac vae procurar o Marquez de

Verveine e tenta resolve-lo a mudar de proposito na questão do casamento; o mancebo porem mostra-se inflexivel. Até mesmo está prompto a bater-se em duelo com o irmão de Adelia Latrude, se a tanto o obrigarem, mas não se presta a effectuar aquelle casamento, que repugna á sua consciencia e ao seu coração.

**DESSERT**

—O snr. é usurario, sr. Elc-bão.

—Conforme. No dia do emprestimo sou «um salvado» no dia seguinte sou «um usurario».

— Irra! Arrancou-me dois dentes, em vez d'um!

—Calle-se, freguez, calle-se que, se o mestre ouve faz-lhe pagar o dobro do ajustel!

Entram na agua o genro e a sogra.

Pouco depois esta começa a gritar para o genro.

Ai! ai! acuda-me! Olhe que em afogol a sua mão...

O genro, fingindo que a não ouve e nadando apressadamente para longe.

—Nessa não caio eu... Já a dei á filha uma vez, ha tres annos, e tenho-me arrependido milhões de vezes.

Adelina que é muito afeiçãoada ao canto exclama, dirigindo-se ao marido:

—Queria ser uma «estrella» —Ovalé que o fosses!— diz o marido, bocejando de tédio —E porque o desejas?

Por uma razão muito simples, querida filha, porque a mais proxima «estrella»,—ó consolação suprema! dista de nós 11.760.971 kilometros.

**Quem dá aos pobres...**

Maria das Dores, de Soutello, a braços com uma doença pertinaz e dolorosa, é aconselhada pela medicina a uzar de banhos do mar.

A sua extrema pobreza, porém, nega-lhe este recurso.

A's almas piedosas, portanto, pede uma esmola para aquelle fim, que tanto pode ser entregue na sua morada, como em Villa Verde, na agencia d'este periodico.

**ANNUNCIOS**

**Comarca de Villa Verde**

(1.<sup>a</sup> publicação)

**ARREMATACÃO**

Pelo juizo de direito d'esta comarca, e repartição de fazenda no dia 2 do mez de Outubro proximo ás 10 horas da manhã e á porta do tri-

bunal judicial se tem de proceder á arrematação dos bens penhorados na execução que a Fazenda Nacional promove contra João Leite de Macedo, da freguezia da Lage, e hoje a viuva Maria da Conceição Taveira e Silva Leite, actualmente rezidente na cidade de Braga, para pagamento da quantia de dezoito mil cento e vinte e quatro, reis de decima de juros de 1886 além dos juros da móra, sellos e custas da execução, cujos bens são os seguintes:

Uma bouça ou coutada denominada da levada sita na freguezia da Lage. Pelo presente são citados todos os credores incertos e rezidentes fora da comarca, para assistirem aos termos da presente execução e deduzirem na forma da lei.

Villa Verde 13 de Setembro de 1887.

Verifiquei a exactidão

Juiz de direito substituto legal e presidente da camara.

(139 a) Rodrigues.

O Escrivão de fazenda

Arthur Norton da Silva Rosa.

**EDITAL**

A Camara Municipal do concelho de Villa Verde:

Faz saber que se acha aberto o cofre do munucipio, desde 1 a 30 d'outubro proximo, para a cobrança dos forros vencidos em 29 do corrente mez.

Quando não satisficam dentro do referido praso, serão compellidos ao pagamento.

E para que chegue ao conhecimento de todos se passou o presente edital, que será affixado nos lugares publicos e do estylo.

Villa Verde, 17 de Setembro de 1887. E eu, Antonio José d'Araujo Pimentel, secretario da camara, o subscrevi.

(139) O vice-presidente.

Lourenço Soares Rodrigues.

**AS DOIDAS EM PARIS**



ESTABELECIMENTO DE MERCEARIA

DE

MANOEL JOAQUIM ANTUNES

EM VILLA VERDE

Tem á venda no seu estabelecimento todos os generos proprios d'uma casa d'esta ordem, e bem assim grande variedade de vinhos finos engarrafados e bebidas brancas de todas as qualidades. Tabacos de todas as fabricas e variedade de algodões, retrozes e mais miudezas, que tudo vende por preços muito modicos.

Tem sido distribuidos com a maxima regularidade 14 fasciculos d'esta obra e o 1.º BRINDE, trabalho d'alto valor artistico que mereceu os maiores elogios dos competentes. Já está concluido o primeiro volume. As copias para a encadernação são feitas expressamente para esta edição.

A cada um repellido custa 500 reis.

Para os assignantes que preferirem receber a obra nos fasciculos, com-livros abertos e assignatura.

Livraria Portuense de Lopes & C.º - editores  
RUA DO ALMADA, 123 - PORTO

REVOLUÇÃO PORTUGUEZA DE 1820

1 VALIOSOS BRINDES A CADA ASSIGNANTE

EDIÇÃO MONUMENTAL

HERSIEGHERIA

BIBLIOTHECA DO CURA D'ALDEIA

211, Rua do Almada, 217 - Porto

A FELICIDADE

por

HENRIQUE PERES ESCRICH

Está em distribuição o primeiro fasciculo d'este notavel romance, que pôde sem receio entrar no sactuario da familia. E' ornado de primorosas gravuras de pagina, cujas gravuras serão distribuidas gratuitamente a todos os snrs. assignantes.

Recommendamos a leitura d'esta esplendida obra aos madores dos bons livros.

Condições da assignatura para as provincias

A expedição é feita de quinze em quinze dias, com a maior regularidade, aos fasciculos de 96 paginas e uma gravura, pelo modico preço de 120 reis cada fasciculo, franco de porte, pagamento adiantado. Nas terras onde a empresa não tiver correspondentes, as pessoas que desejarem assignar deverão remetter no acto de fazer a assignatura a importancia de um ou mais fasciculos.

As pessoas que enviarem quantia não inferior a 600 reis, receberão na volta do correio aviso de recepção, ficando por este modo certos de que não houve extravio.

Quem angariar 10 assignaturas receberá um exemplar gratis.

A empresa precisa de correspondentes em todas as principaes terras do reino, onde ainda os não tenha; garantindo aos mesmos uma commissão vantajosissima. Recibe propostas n'este sentido.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Empresa Litteraria e Typographica, editora, 211, rua do Almada, 217 - Porto.

A Estação

Jornal Illustrado de Modas para Senhoras publicando annualmente:



12 números de 8 paginas, illustrados com mais de 200 gravuras representando artigos de toilette para senhoras, roupa branca, vestuarios para crianças, enxovaes, roupa branca e vestuarios para homens e meninos, atalhadados, objectos de mobilia, adorno de casa, etc. todo o genero de trabalho de agulha, bordado branco e a matia a ponto de marca, de ornatos, costura ou renda, pontos em claro sobre renda, cambrá ou filé, renda irlandeza, bordado em filé, crivos - todo o trabalho de tapeçaria, tricôt, crochat, frivolité, guipura, ponto atado, renda de bilro - fiôres de papel, panno, pennis, finalmente mil obras de fantasia que seria longo relatar.

O texto que lhes fica junto clara e minuciosamente descreve e explica todos esses desenhos, ensinando o modo de executar os objectos que representam.

12 folhas grandes contendo além de numerosos monogramas, inicias e alphabets completos para bordar em relevo ou a ponto de marca, 200 moldes pelo menos, em tamanho natural, completados, segundo as necessidades com moldes reduzidos ficando claramente a disposição das partes de que se compõe o modelo e mais de 400 desenhos de babilado branco, matia, soucha, etc. Cumpre notar-se que essas folhas comparadas ás de qualquer outro jornal são-lhes muito superiores, pois que em igual superficie publicam tres ou quatro vezes mais material.

36 figurinos de modas, coloridos primorosamente e a aguarella por artistas de merito em formato igual ao do jornal.

Para prova da superioridade incontestavel d'essa publicação e verificação de que realmente os seus 24 números e 12 folhas de moldes contém maior quantidade de modelos do que outro qualquer jornal de modas, enviar-se-ha gratuitamente um numero specimen a quem o pedir por escripto.

Assigna-se em todas as livrarias, e na de ERNESTO CHARDRON - Porto, Principia no dia 1.º de qualquer mez.

PREÇO EM TODO O REINO:

Por anno ..... 48000  
Por semestre ..... 24000  
Por trimestre ..... 12000



Privilegio exclusivo por 15 annos

ELIXIR DEPURATIVO VEGETAL DE CARDOSO

Pharmaceutico plenamente approvedo pela Eschola Medico-cirurgica do Porto

Este excellente medicamento é ha muito tempo applicado pelos exc.ºs medicos com bom resultado com bom resultado contra as molestias da pelle, como: berpes, pustulas, erysipela, sarna, ulceras. No rheumatismo, es-crophulas, syphilis em todos os graus e mais molestias provenientes della, e do uso excessivo do mercurio.

Emfim em todas as molestias que tem origem na impureza do sangue.

Deposito em Braga, pharmacia dos Orphãos.  
Deposito em Villa Verde, pharmacia Central.

PREÇO DO FRASCO 600 REIS

HERSIEGHERIA DE VILLA VERDE

GUZZO T

E recolhida por sua filha Madame Vitt

Tradução de Maximiano Lemos Junior

Grande publicação illustrada com magnificas gravuras

CONDIÇÕES D'ASSIGNATURA

A obra comprehenderá aproximadamente 60 fasciculos e será dividida em 4 volumes. Publicar-se-ão mais fasciculos mensalmente, sendo distribuidos pontualmente no dia 1.º de cada mez.

Em Lisboa e Porto serão distribuidos os fasciculos quinzenalmente, mediante o pagamento no acto da entrega de 100 reis cada fasciculo. Nas demais terras do reino, acrece a cada fasciculo o porte do correio, contanto por isso 110 reis. E todavia condicão indispensavel a renovação e pagamento porta do correio. Para o Brazil o preço de cada fasciculo é de 400 reis feitor.

Toda a correspondencia deve ser dirigida aos editores LEMOS & C.º Praça d'Alagôa, 104 - Porto.

A MARTYR

por EMILE RICHEBOURG

Interessante romance, illustrado com excellentes chromos e magnificas gravuras.

10 reis cada folha, chromo ou gravura.

Brindes a cada assignante reis 100\$800 em 3 premios pela lotaria.

Um bonito album com o panorama completo de Lisboa, desde a estação do caminho de ferro do norte até á barra (19 kilometros de distancia) e juntamente o panorama tirado do passeio de S. Pedro d'Alcantara.

Peça-se o prospecto que se distribue no escriptorio da empresa editora Belem & C.º, rua da Cruz Pau, 26, 1.º, Lisboa onde se assigna e em todas as livrarias do paiz

BIBLIOTHECA CIVILISADORA

O GRITO DE SANGUE

Este romance de Fortuné de Boisgobey, será publicado em fasciculos semanaes, contendo 22 paginas, formato sitavo grande pelo preço de 40 reis pagos no acto da entrega. Para as provincias acrece-se 5 reis em fasciculo para porte do correio.

Toda a correspondencia deve ser dirigida a Rodrigues & C.º gerentes da «Bibliotheca Civilisadora», rua de Sant'Anna, 22 - Porto.

Typ. de Sá Pereira - 1887

A MARTYR

por

ADOLPHO D'ENNERY

Versão de João Pinheiro Chagas

Celebre romance procurado com excepcional interesse pelos leitores dos dois mundos e publicado no «Primeiro de Janeiro» e de que foi extrahido o drama actualmente em scena nos theatros Baquet e D. Maria II.

Edição illustrada com gravuras.

CONDIÇÕES DA ASSIGNATURA

O romance «A Martyr» constar, de 2 volumes em 8.º illustrados, distribuidos em fasciculos semanaes de 10 folhas de impressão de oito paginas cada uma, ou 9 a uma gravura, a 10 reis cada folha, ou 100 reis cada fasciculo pagos no acto da entrega. A obra completa não terá nem mais de 10 nem menos de 8 fasciculos.

Para as provincias, os fasciculos serão enviados francos de porte, pelo mesmo preço que no Porto, mas só se accitam assignaturas que venham acompanhadas da importancia de 5 fasciculos adiantados.

Toda a correspondencia deve ser dirigida á Livraria Civilisadora de Eduardo da Costa Santos - Editor Porto - Rua de Santo Ildafonso, 4

P. S. Acha-se já em distribuição o 1.º fasciculo. Envia-se prospectos a quem nos pedir

O maior successo litterario

O maior successo litterario